



Bruna Lie Misutani

CURSO – ENGENHARIA ELÉTRICA/USP

“Estou realmente focada na Engenharia Biomédica”

Bruna procurou caminhos através das Ciências Exatas e Biológicas. Ela entrou na Poli no curso de Engenharia Civil, mudou para Engenharia Elétrica e encontrou-se na Engenharia Biomédica. Nesta entrevista, ela conta sobre suas escolhas e sobre sua caminhada – em que também enfrentou o período da pandemia.

JC – Quando você entrou no Etapa?

Bruna – Entrei no 6º ano do Ensino Fundamental.

Como foi a sua adaptação aos métodos do colégio?

Lembro que fiquei um pouco assustada com a quantidade de pessoas na sala de aula e também com a quantidade de matérias, mas fui me adaptando bem. Gostava de não ter prova bimestral, então me adaptei ao método do Etapa.

Você participava de alguma atividade extracurricular?

Eu fazia muitos esportes, gostava muito do vôlei. Particpei das olimpíadas de Física, Astronomia, Matemática e Informática. Fui em algumas aulas do EMUM, de Estudos Narrativos, e também fui nas aulas de Estudos Humanísticos e nas de Cálculo, que eram aos sábados, mas o que eu preferia eram os esportes.

Desde quando que você pensa em seguir carreira em Engenharia?

Eu tinha facilidade com Exatas e gostava da área, mas também pensava em Biológicas. No 3º ano do Ensino Médio eu resolvi não cursar nada de Humanas, e aí, na área de Biológicas, pensava em Medicina, mas não tinha tanta vontade a ponto de prestar o vestibular para essa carreira, então fui para a área da Engenharia mesmo.

Como você mudou de Engenharia Civil para Elétrica na Poli?

Foi meio inusitado, porque eu tinha um amigo na Elétrica e não achava que o curso combinava comigo, mas no 2º ano da faculdade eu conheci o departamento de Engenharia Biomédica, que é uma extensão da Engenharia Elétrica, e isso mudou a minha visão. Desde o 3º ano do Etapa, minha vontade era ligar Engenharia com Biológicas, mas nem sabia que existia Engenharia Biomédica, só fui descobrir na Poli, e então, quando conheci esse departamento, eu decidi mudar para Engenharia Elétrica.

E como está sendo vivenciar essa mudança?

Ainda não tenho tantas matérias ligadas a Engenharia Biomédica, mas já consigo pegar algumas optativas, e ano que vem vou ter as optativas eletivas. No 5º ano da Poli, você escolhe algum módulo mais específico ao que você quer fazer de carreira, consegue pegar matérias específicas de determinada área, e tem o módulo de Engenharia Biomédica.

Como foi o seu início na USP?

No 1º ano não fiz nada de extracurricular, mas, por mais que eu não participasse das extensões, eu aproveitei o que tinha de pontual. Na Poli são feitas algumas atividades e eu fiz

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia Elétrica

1

ESPECIAL 2

Alunos exploram linguagens artísticas no Sarau Literário 2022

6

ESPECIAL 1

Alunos do Colégio Etapa conquistam diversas premiações

3

ARTIGO

“Inclusão é a participação efetiva de todas as pessoas”

7

pintura aquarela e também fiz grafite, foi bem legal para espreitar um pouco. Também tem a WI, um *workshop* integrativo que é organizado pela Poli Júnior, basicamente uma feira que chamam várias empresas grandes e aí você consegue ter contato com elas.

E a época do Biênio, do começo da Poli, como foi?

Eu achei o 1º semestre da Poli puxado: tem muitos créditos e matérias que não são fáceis, tem matérias específicas da Engenharia Civil, como Geomática, que é quase uma mistura de Geografia com Matemática, e tem que fazer muitos trabalhos e mexer com algumas máquinas e aparelhos.

Em linhas gerais, o que você viu em cada ano da Poli?

No 1º ano e no 2º tem o Biênio. No 3º ano da Elétrica, as matérias são bem densas e específicas. Como eu não estava familiarizada, foi difícil, mas eu tive ajuda dos meus amigos. Agora que eu estou no 4º ano, estou gostando mais, por ver coisas mais ligadas às eletivas de Engenharia Biomédica. Em Elétrica, você escolhe uma ênfase quando vai para o 4º ano, e tem 5 ênfases no total. A minha ênfase é Automação e Controle, e estou gostando bastante das matérias, sempre gostei do laboratório de Controle. No 5º ano da Poli, você escolhe o seu módulo vermelho, que é um módulo em que você escolhe uma área de interesse basicamente, e no meu caso vai ser Biomedicina.

Como foram as suas aulas durante a pandemia?

Começou 2020 e só fomos presencialmente algumas vezes. Este ano as aulas voltaram presencialmente, fiz amizades novas e me sinto confortável para tirar dúvidas e perguntar as coisas.

Você chegou a participar de alguma entidade de forma on-line nessa época de pandemia?

Em 2019 eu entrei na Enactus, que é um grupo de extensão de empreendedorismo social. Também existe essa extensão em outras universidades, não só na USP.

E o que você fazia na Enactus?

Empreendedorismo social. Basicamente, você encontra uma comunidade e entende seus problemas junto com ela, e então capacita as pessoas dessa comunidade para resolverem esses problemas sozinhas, para se tornarem autossuficientes.

Você fez esporte desde o 1º ano na Poli?

Eu entrei no vôlei em 2019 e saí neste ano.

Você já fez algum estágio?

Vou começar meu estágio em outubro, no HCor [Hospital do Coração]. É um estágio voltado à pesquisa, focado em Engenharia Biomédica.

Qual o tema da pesquisa?

Vai ser um estudo de eletrocardiograma aplicado com inteligência artificial, que objetiva fazer a máquina identificar o que é um eletrocardiograma normal, o que se tem de arritmia, qual o nível de arritmia, se é vigente ou não, esse tipo de coisa.

Você se decidiu pela Engenharia Biomédica mesmo ou está aberta para outras áreas?

Estou realmente focada na Engenharia Biomédica, mas, ao longo deste ano, vi que tem coisas, como Contabilidade, que eu pensava que não gostava, mas quando tive aulas sobre o assunto, mudei de opinião, e aí percebi que posso expandir minha mente para caso eu queira conhecer outras áreas, que posso dar uma chance caso oportunidades apareçam.

Você mantém amigos da época do Etapa?

Sim, as minhas amizades são as mesmas que eu tinha na época do colégio. Muita gente foi fazer faculdade em lugares diferentes, tem cursos e horários diferentes, e com essas pessoas o contato é mais pontual, já o pessoal que era do Etapa e foi para a Poli é o grupo de amigos que eu tenho mais contato.

Como alguém que vai para a Poli deve agir para se adaptar lá dentro?

Você tem que encontrar o que gosta de fazer na Poli. Tem que participar de alguma coisa, fazer algum esporte ou fazer algo com os amigos. No final é isto que as pessoas precisam lá dentro: ter apoio de alguma forma e não ficar bitoladas com os estudos. Você precisa conversar, procurar informação de pessoas que estão na mesma situação que você.

A Poli é bem puxada, e é comum alguns pensarem em buscar outra faculdade. Isso aconteceu com você?

Cheguei a pensar nisso no 2º ano. Fiz transferência interna na Poli, não consegui fazê-la no 1º ano, só no final do 2º. Conseguir isso foi bom, porque eu encontrei o que eu queria na Poli. Se tivesse desistido antes, eu teria ido para a UFABC, que tem cursos da área de Biológicas ligada com a de Exatas que são bem mais específicos.

O que você pensa fazer após se formar na Poli?

Eu cheguei a pensar em fazer outra graduação, mas agora não quero ir para a carreira acadêmica. Quero trabalhar e estudar por fora, fazer cursos específicos. Os cursos que penso em fazer hoje são para meu desenvolvimento pessoal, voltados para finanças, para aprender a investir e me organizar financeiramente. Como pretendo trabalhar, preciso organizar meu dinheiro. Quero também fazer cursos como o de organização internacional e o de organização de tempo.

O que vem na sua cabeça quando pensa no Etapa?

Eu sinto muita falta das atividades extracurriculares, principalmente dos esportes. Eu gostava de ficar na escola e de jogar com meus amigos, era muito divertido. Fico muito grata pela oportunidade de ter participado disso.

Você tem mais alguma coisa para falar para nossos alunos?

Sim. A gente nunca vai saber tudo e deve se permitir a aprender aos poucos, tanto as matérias quanto o que a gente quer. Há uma pressão muito grande para sair do 3º ano sabendo o que vai fazer, mas não é bem assim que funciona.